

Actas del
IX Congreso Internacional
de la Asociación Hispánica
de Literatura Medieval

(A Coruña, 18-22 de septiembre de 2001)

III

Actas del IX Congreso Internacional de la Asociación Hispánica
de Literatura Medieval, 2005.

© Carmen Parrilla
© Mercedes Pampín
© Toxosoutos, S.L.

Primera edición, septiembre 2005

© Toxosoutos, S.L.
Chan de Maroñas, 2
Obre - 15217 Noia (A Coruña)
Tfno.: 981 823855
Fax.: 981 821690
Correo electrónico: editorial@toxosoutos.com
Local en la red: www.toxosoutos.com

I.S.B.N. obra conjunta: 84-96259-72-2
I.S.B.N. volumen: 84-96259-75-7
Depósito legal: C-2072-2005

Impreso por Gráficas Sementeira, S.A. - Noia
Reservados todos los derechos

Um silêncio na história literária portuguesa: Mathilde de Boulogne

Maria Ana Ramos
Universität Zürich

Sempre me inspirou curiosidade, nas leituras da *História de Portugal*, aquele rei apelidado de bolonhês. Era um monarca que tendo possuído um condado em Boulogne-sur-mer (Pas-de-Calais, França), regressava a Portugal, ocupava o trono após guerra civil, reconquistava território e rapidamente casava com uma princesa castelhana. Da mulher, que lhe tinha concedido o título, pouco ou nada se falava.

Ainda hoje o verbete intitulado “Afonso III” no *Dicionário de História de Portugal* pouco diz acerca daquela condessa: “Pelo seu casamento em 1238, com D. Matilde, condessa de Bolonha, viúva de Filipe-o-Crespo, elevou-se à dignidade de conde soberano, feudatário e vassalo de Luís IX, a quem acompanhou na guerra contra Henrique III de Inglaterra, distinguindo-se na Batalha de Saintes (1243)”.¹ Neste mesmo dicionário, ao conceder entrada autónoma a “Bolonha”, apenas encontramos breve menção a Mathilde: “Mulher do infante D. Afonso de Portugal, mais tarde D. Afonso III. Pediu ao Papa providências contra o casamento ilegítimo do seu marido com a filha de Afonso X de Castela, pronunciando-se Alexandre IV pela separação”.²

A. Herculano na *História de Portugal* exprime a sua opinião quanto às causas do exílio do príncipe Afonso e quanto à influência de sua tia Branca de Castela, mãe de Luís IX, na sua formação. Os motivos e consequências do matrimónio com a

¹ R. A. Torres, *Dicionário de História de Portugal*, I, dir. por Joel Serrão, Figueirinhas, Porto, 2000, p. 40.

² *ibidem*, I, 2000, p. 355.

condessa de Bolonha eram igualmente analisados e o historiador não deixava ainda de mencionar as acusações apresentadas por Mathilde ao Papa, devido ao novo matrimónio de Afonso.³

Na mais recente *História de Portugal*, dirigida por J. Mattoso, são enunciadas também diferentes hipóteses interpretativas que justificariam a partida do jovem Afonso para França (fracasso de Elvas, contendas já entre os apoiantes e os adversários de Sancho II). Após o enlace com Mathilde, é descrito o regresso a Portugal do conde de Bolonha, à tomada do trono e à conhecida oposição da condessa junto do Papa.⁴ A história moderna cinge-se, portanto, a estes breves factos: as causas da partida do príncipe, o tipo de relações com a corte francesa, o regresso a Portugal e as implicações religioso-políticas provocadas pelo casamento de Afonso III com Beatriz de Gusmão, filha de Afonso X.

A cronística medieval concede, no entanto, uma atenção diversa quanto a este episódio da história portuguesa. A redacção dos capítulos relativos a Sancho II e a Afonso III disponibiliza análises divergentes.

A história dos reis de Portugal nas *Crónicas*, em geral, resumem-se a sínteses que podem ser ilustradas através de citações deste tipo:

et o papa ouve seu consello sobre elo et enviou mandar a dom Afonso, conde de Bollona, que veesse a Portugal guardar o reyno de seu yrmão dō Sancho. Et elle veeosse quanto mays pode et receberōny muy bem et guardou muy bem o reyno ata que finou el rey dom Sancho, seu irmão en Toledo [...]. Et quando finou rey dom Sancho Capelo, nō leixou nē hūu que reynasse en pos elle et dom Afonso ficou por rey. *Et foy casado cō dona Beatrix, filla del rey de Castela et de Leom, que foy fillo del rey don Fernando, que gaanou*

³ São enumerados por A. Herculano diferentes argumentos: a Bula *Exposuit Nobis* emitida pelo Papa, o procedimento de Afonso ao realizar novo casamento com a filha do rei de Castela e o abandono da mulher legítima. Cfr. Alexandre Herculano, *História de Portugal: desde o começo da monarquia até ao fim do reinado de Afonso III*, pref. e notas críticas de José Mattoso, verificação do texto por Ayala Monteiro, Bertrand, Amadora, 1980, II, pp. 490-491; 1980, III, pp. 96-97.

⁴ José Mattoso e Armindo de Sousa, *Historia de Portugal, II: A Monarquia Feudal, 1096-1480*, dir. por J. Mattoso, Círculo dos Leitores, Lisboa, 1993, pp. 122, 137.

Sevilla. Et esta dona Beatrix, a reyna, era de de gaança, ca a ouvera el rey dom Afonso de gaança en dona Mayor Guillem de Gosmam, segúdo que volo contara a estoria adeante en seu lugar.⁵

Em alguns casos, como em *De llos fijos del rey don Alfonso de Portugal* (cap. IX), encontramos rápida referência ao casamento de Afonso e Mathilde:

el segundo don Alfonso, que *fue casado con doña Matilla*, condesa de Boloña, e por ella ovo el condado, e despues a dias alçosele con todas las fortalezas de Portugal e echo al rey don Sancho, su hermano, del reyno e finco el por rey e señor de la tierra, e esto adelante lo contaremos mas conplidamente.⁶

De acordo ainda com a investigação de Cintra,⁷ não são conhecidas as fontes em que se baseou o redactor da *Crónica Breve* para ampliar os relatos dos reinados de Sancho I e Afonso II e delinear os de Sancho II, Afonso III e D. Denis. A história do reinado de Sancho II, com a intervenção de personagens e reprodução de diálogo em discurso directo, apresenta um carácter distinto de todas as outras informações relativas aos reis precedentes. A fonte não devia ter sido uma narração simplesmente histórica, como admite Cintra, mas a redacção deixa entrever acesso a outro tipo de texto (talvez épico, talvez poético e o conhecido ciclo de cantigas de escárnio contra os apoiantes de Afonso III é um excelente testemunho).⁸

A *IVª Crónica Breve*, que se interessava, primordialmente, pelas causas da deposição de Sancho II, apresenta Afonso III

⁵ Referência retirada do ms. *A (Crónica de Castela, designada como 2ª parte da Variante Ampliada*, segundo o texto da *Tradução galego-portuguesa dessa Variante*, ms. A 8817 da BN de Madrid), ff. 199^v-200^r. *Crónica Geral de Espanha de 1344*, I, ed. de L. F. Lindley Cintra, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1983⁽¹⁹⁵¹⁾, p. CDLXXV. Cfr. também A. Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, I, ed. de M. Lopes de Almeida e C. Pegado, Atlântida, Coimbra, 1946, p. 110.

⁶ Ms. *J (Crónica de Vinte Reis* segundo o ms. *J, X-1-6 do Escorial*), ff. 106^v-109^r: Cintra, ed. cit., I, p. CDLXXX.

⁷ Cintra, ed. cit., I, p. CCCLXXV.

⁸ C. Michaëlis de Vasconcellos, “Em torno de Sancho II”, *Lusitânia*, 2 (1924), pp. 7-25; M. Rodrigues Lapa, *Lições de literatura portuguesa. Época Medieval*, Coimbra Editora, Coimbra, 1981¹⁰, pp. 187-191.

também com uma valorização do seu reinado e com algumas indicações genealógicas do tipo:

e foy muy boo rey e muy justiçoso e manteue seu reyno em paz e sem contenda nenhuuma [...] ou [...] foi cassado com [...] filha delRey [...] e ouue della filhos Rey [...] e o ifante [...] e a ifante [...] que moreo.⁹

No *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, os reinados de Sancho I, de Afonso II, Sancho II e Afonso III seguem, em geral, a *IV^a Crónica Breve*. No Título VII, *Do Conde Dom Menido, donde decendem os Reis de Portugal*, registam-se simplesmente factos concretos referentes ao reinado de Sancho II, como o pedido dos bispos e arcebispos junto do Papa para a deposição do rei, o regresso de Afonso, qualidades do novo rei, casamento com Beatriz de Castela, etc. Não há qualquer alusão a Mathilde:

E veo o conde e tolheo o reino a seu irmão, e quantas boas vilas i havia [todalas tomou], que nom ficou senom Coimbra. E esta ficou senom porque nom foi o conde, ca se i veera, assi a filha como as outras. E des i enviou el rei Dom Sancho ao ifante dom Afonso, filho d'el rei dom Fernando de Castela e Leom, que mandasse por ele, e foi alá com grande cavalaria e levou-o consigo pera Castela, e morreo e soterrarom-no em Toledo. [...]. El rei dom Afonso foi mui boo rei e justiçoso, e manteve sempre seu reino em paz e sem contenda nem ?a. *E casou com dona Beatriz, filha d'el rei dom Afonso de Castela e Leom*; e houve dela filhos, o ifante dom Dinis e o ifante dom Afonso e a ifante dona Branca, que morreo nas Olgas de Burgos onde foi sempre senhora, e i jaz, ca nunca quis seer casada. E morreo el rei dom Affonso na era de mil CCCXVII annos, e soterrarom-no em Alcobça.¹⁰

Na *Crónica de 1344*, dependente também da iniciativa e da supervisão do conde D. Pedro, o silêncio relativo a Mathilde

⁹ Como justamente observou D. Catalán, os reinados posteriores a Afonso Henriques na *IV^a Crónica Breve*, obedecem a uma estrutura idêntica: sucessão régia, elogio do novo rei, mérito principal, casamento, anos de reinado, morte, sepultura. Cfr. R. Menéndez Pidal y D. Catalán, *De Alfonso X al Conde de Barcelos. Cuatro estudios sobre el nacimiento de la Historiografía Romance en Castilla y Portugal*, Gredos, Madrid, 1962, pp. 282-283.

¹⁰ *Portugaliae Monumenta Historica, I: Livros velhos de linhagens*, ed. de Joseph M. Piel e José Mattoso; *II. 1: Livro de linhagens do Conde D. Pedro*, ed. de José Mattoso, Nova série, Academia das Ciências, Lisboa, 1980, pp. 128-129.

mantem-se. Também não são conhecidas fontes escritas em que o autor da *Crónica de 1344* se possa ter baseado para as inovações no reinado de Afonso III. Estas novidades parecem ter menos interesse literário, comparando-as com as do reinado de seu irmão Sancho II (episódio de Trancoso, por exemplo). Registam-se apenas informações sobre Beja, conquista de Faro, os feitos guerreiros de Afonso quando se encontrava em França.¹¹ O conde D. Pedro, neto de Afonso III, não desenvolve, nem insere, portanto, as notícias relativas ao passado de seu avô.

No capítulo 718 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, *Como reinou o Conde Bolonha...*, após alusão aos feitos guerreiros de Afonso III em França, surge-nos, no entanto, logo depois, um conciso: “Despois per tempo casou com D. Beatriz, filha...”.

Como se pode observar, não há grande notícia acerca da vida de D. Afonso com Mathilde, o que é curioso e, ao mesmo tempo, enigmático, se bem analisarmos esta fórmula. A redacção encontrada denuncia, através de um ambíguo *per tempo*, uma maneira de não prestar consideração à vida matrimonial do avô em França. A sua dimensão real define-se pelos feitos militares, pelas batalhas em que participou e não pelo título herdado pelo casamento.

No entanto, aqui, segundo Cintra, há uma chamada e, à margem, uma nota em letra contemporânea que, com uma redacção naturalmente sucinta, relata as informações ligadas, não só ao casamento do rei com Mathilde, mas ao filho dos dois e à viagem da condessa a Portugal:

[Este] rey era casado cõ a condessa de Belonha [e tii]nha dela hũu filho [qua]ndo casou outra vez, diz?do que o fazia [por] acrecẽtar seu [rei]no. Esta cõdessa [veo] a Portugal. El rey [man]douha tornar [cõ] grandes ameaças. [Por] isto foy posto [int]erdicto no reino e durou [ata]a que morreo a cõdessa.¹²

¹¹ Cintra, ed. cit., pp. CCCXCV-CCCXCVI-CCCXCVII.

¹² A reconstituição crítica desta nota à l.19 é de Cintra, ed. cit., IV, cap. DCCXVIII, p. 242.

Esta anotação é extremamente interessante, porque quer dizer que a “narrativa”, que vamos encontrar de seguida, tanto na *Crónica de 1419* como em Ruy de Pina, desenvolve este episódio (casamento de Mathilde, repúdio, filho, viagem a Portugal, etc.). Esta minuciosidade poderá querer dizer também que esta “narrativa” deveria ter estado nas mãos de quem refundiu a *Crónica Geral de Espanha de 1344*. D. Pedro (ou o redactor próximo de D. Pedro...) omitiu ou suprimiu esta “narrativa breve” que devia circular de algum modo, ou que se encontraria mesmo na fonte. O redactor (ou o compilador) limita-se a um lacónico *despois per tempo* que parece pretender justificar a decisão de Afonso III. Em outro momento, mas em letra contemporânea, o comentário à margem esclarece aquela abreviada e apressada redacção do episódio da *Crónica Geral de Espanha de 1344*.

No entanto, alguns anos mais tarde, a *Crónica de 1419* ou *Crónica dos Sete Primeiros Reis*, testemunhava a metamorfose. Baseada, como se sabe, na história dos reis de Portugal, já incluída na *Crónica Geral de 1344*, amplia-a e autonomiza-a do ponto de vista cronístico, concebendo o passado do reino e a sucessão dos seus soberanos como matérias desvinculáveis, acrescentando outros elementos que, por um ou outro motivo, estavam ausentes na *Crónica Geral de 1344*. E uma das partes acrescentadas é exactamente esta “narrativa” dedicada a Mathilde.

Nesta *Crónica de Portugal de 1419*,¹³ nos capítulos *Do reynado del-rey dom Afonso, conde de Bolonha, quinto rey de Portugal e terçeyro rey deste nome e Como a condessa de Bolonha chegou a Portugal e achou seu marido casado e tornou pera sua tera*, podemos então ter conhecimento de toda a “narrativa”.¹⁴

E, nas crónicas quinhentistas, com Ruy de Pina na *Chronica d’El-Rei D. Affonso III*,¹⁵ no capítulo II, *Como El-Rey Dom Affon-*

¹³ *Crónica de Portugal de 1419*, ed. de A. de A. Calado, Universidade de Aveiro, Aveiro, 1998.

¹⁴ *Ibid.*, pp. 142-143.

¹⁵ Esta Crónica é designada *Chronica do muito Alto, e muito esclarecido Principe D. Affonso III quinto Rey de Portugal*, na edição de 1728 (Officina Ferreyriana, Lisboa

so sendo casado com a Condessa de Bolonha em França, ha leyxou, e casou com a filha delRei de Castella, e ainda no capítulo III, Ruy de Pina descreve *Como ha Condessa de Bolonha veyo ha Portugal, e como ElRei seu marido ha nom quis ver, e ella se tornou, e do que sobre esso fez*. Em estes dois trechos, as relações entre Afonso e Mathilde são igualmente comprovadas através de uma *amplificatio* da nota marginal da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, que se pode ler através das duas versões em confronto. A *narrativa* deste “casamento humilhante” como o designa Mattoso, devido à condição de bastarda de D. Beatriz, mais não fazia do que acentuar a condição de inferioridade de Afonso III em relação a Affonso X.¹⁶

Crónica de 1419

Cap. 77

E este rei dom Afonso, sendo casado com a condessa de Bolonha, casou com dona Briatriz, filha del.rey de Castela, a qual ele muyto amava porque não tinha outra ffilha. Deu-el.rey de Castela, com ela, muyto grande casamento e terras junto

Crónica de Afonso III
(Ruy de Pina)

Cap. II

Este Rey Dom Affonso sendo casado com Dona Matildes Condessa de Bolonha em França, elle ha leyxou no dito Condado, e se veo ha Portugal, como na Coronica delRei Dom Sancho seu irmão hee declarado, e depois de sua vinda ha

Occidental, disponível em <http://purl.pt/312>; <http://purl.pt/337>). Também nas Crónicas de El-Rei D. Affonso II e de El-Rei D. Sancho II, Ruy de Pina no capítulo VII (Escriptorio (Bibliotheca de Classicos Portuguezes, 53), Lisboa, 1906), refere-se a Mathilde de Bolonha: “Despedidas as Bulas do Papa, e aparelhada as couzas, que ao Conde para seu caminho mais cumpriam, se despedio da Condessa de Bolonha sua molher, que havia nome Dona Matildes, a qual fora já outra vez cazada, e era da linhagem dos Rex de França, e molher, em que havia singulares bondades, e vertudes, e tinham muitas terras, e grande fazenda, e dahi com os Prelados, e Cavalleiros Portuguezes, que o foram requerer, se veio a este Reino”, (pp. 31-32). Na Crónica de D. Denis (Cód. Cadaval 965) no capítulo II Como o Jffante D. Af.º foy Conde de Bolonha: “E por este boom aquecimento que o Jffante D. Af.º asy ouue [batalha contra os Ingleses] foy depois muyto homrado de todolos da terra, em tamto que por sua boõa fama prouue a Dona Condessa de Bolonha, que eh a cerqua do pays, que estaua veuua, de cazar com ele. E por esta gujsa ouue ele o Condado, e foy chamado Conde de Bolonha”, (pp. 58-59). Cfr. *Crónica de D. Denis*. Edição do texto inédito do Cód. Cadaval 965, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1947, p. 194.

¹⁶ Mattoso, *Historia de Portugal*, II, pp. 136-137.

com o extremo e depois ele e el.rey dom Denis, seu filho, fizerom fortalezas nelas que ora sam de Portugal.

pouquos annos casou outra vez com ha rainha Dona Breatriz, filha bastarda delRei de Castella, ha qual elle ouve em Dona Mayor Guilhelme de Guosmão, sua manceba, ha que foy muito afeyçoado, e ha que fez muy firmes, e grandes doações de muitas Villas, Castellos, e rendas de Luguares no Reyno de Castella, para depois de sua morte fiquarem à dita Rainha Dona Breatriz sua filha, e ha seus filhos erdeyros para sempre, porque, segundo parece pelas palavras do testamento que ho dito Rey Dom Affonso fez, elle antre todos os filhos, e filhas que teve, ha esta Rainha Dona Breatriz, sua filha mostrou elle querer móor bem, e ha que mais se devia por serviço, e beneficios, e soccorros que della em suas tribulações mais que doutro algum tinha recebidos, e ha que mais desejou gualardoar, e dar muito do seu se pudera, ho qual casamento delRei, e da Rainha Dona Breatriz, quando se concertou,

E foram as gemtes muyto maravilhadas daquele casamento, porquanto el.rey dom Afonso era casado com a condessa de Bolonha, como dissemos, da qual ouvera hum filho,

e se fez foi assáas maravilha dos homens que ho sabiam, assi pela grandeza do dote delle, nom sendo ha Rainha filha legitima, como principalmente por casar em tempo, que ha Condessa, sua primeyra molher ainda era viva,

segundo alguns dizem, em guisa que hum seu paniguado lhe disse hum dia que fizera muito mal receber outra molher sabendo bem que era casado com a condessa de Bolonha. E el.rey deu em repostas dizendo

e sobre este passo se acha por lembrança que hum privado delRei Dom Affonso avendo este casamento por estranho, e muito contrairo ha sua consciencia lhe disse que nom fizera bem em casar com

que, se em outro dia achase outra molher que lhe desem outra tanta terra no regno pera o acreçentar, que loguo casaria com ela. E esta raynha dona Briatiz ouve el.rey de Castela de dona Arrair Guilhelma, que não era sua molher.

(pp. 142-143)

Cap. 78

Comta a coroniqua¹⁷ que, depois que el.rey dom Sancho de Portugal foy morto e a condessa de Bolonha soube que seu marido reinava em Portugal, coregoe sua fazenda

e embarcou em naves¹⁸ e partyo de sua terra, e hum filho consyguo, que ouvera do conde, e vinha bem acompanhada de cavaleiros e escudeiros e outros, que vinhom ahy dous cavaleiros a que el. rey queria grande bem em sendo conde, que andarom sempre na guerra com ele quando ele era em França.

ha rainha Dona Breatiz, pois sabia que era cazado com ha Condessa de Bolonha, com quem já se muito contentára, e honrara de cazar, e que ElRey lhe respondera, que se nom espantasse do que tinha feyto; porque aho outro dia ainda cazaria com outra molher, se com ella lhe dessem outra tanta terra, porque mais acrescentasse em Portugal.

(ff. 3-4)

Cap. III

E passados alguns annos depois que ElRei Dom Affonso partio de Bolonha ha Condessa sua molher, soube láa ho falecimento delRey Dom Sancho, e assi como ho Conde seu marido pacificamente era alevantado, e obedecido por Rey de Portugal, e nom sabendo nada do cazamento delRey, e confiando que elle se ha visse ha trataria, e honraria como ha verdadeyra sua molher, que era,

fesse loguo prestes, e em Naos bem aparelhadas, e de Cavalleyros e nobre gente, e doutras gentes bem acompanhada, e com hum seu filho que se diz que tinha de seu marido partio de sua terra,

¹⁷ coroniqua] historia

¹⁸ naves] naos

E foram sua viagem e chegaram a Portugal e pousaram as naos onde chamom Cascais, synquo leguoas da çidade de Lixboa.

E aly foram alguns fora perguntar onde era el.rey e souberom que era em hum lugar a que se chama Frielas¹⁹, hũa leguoa e meya da çidade, e que era casado com outra molher. E, quando a condesa ouvio dizer que el.rei seu marido era casado com outra molher, foy mui espantada e pesou.lhe muito de sua vinda e pensou que faria sobre esto e ouve acordo com os seus que lhe fizese saber como estava aly e que lhe era dito que ele era casado com outra molher, e que se maravilhava muito de tal cousa.

E aqueles dous cavaleiros chegaram a el.rey e ele os reçebeo mui bem e, depois de falarem com ele todo o que a condesa mandava e outras rezões muytas que sobre esto com ele ouverom,

e veo ancorar ante ha Villa de Casquais, sinquo leguoas de Lisboa,

onde preguntando ella, e hos seus por ElRey onde era? Foy loguo certifiçada que ElRey estava em Frielas, duas leguoas de Lisboa, cazado já com outra molher, com has quaes novas ha Condessa recebeo muita torçaçam, e grande tristeza, e pezoulhe muito de sua vinda, e assi ahos de sua companhia, especialmente depois que soube ho estado, e condiçam da segunda molher, que era filha delRey de Castella.

E tendo concelho ácerqua do que neste cazo faria, acordaram, que antes de tudo era bem que fossem ha ElRey dous seus Cavalleyros principaes, que vinham com ella e delle eram bem conhecidos e ha que por seus serviços, que nas guerras de França lhe tinham feytos, e por outros merecimentos, queria grande bem, e q' estes lhe fizessem saber da vinda da Condessa, e assi ho nojo, e espanto que por seu cazamento tinha com rezam recebido, e soubessem delle finalmente ha detreminaçam de sua vontade. Estes Cavalleyros em chegando a

¹⁹ Em Frielas (Loures) houve “uma paço fundado por D. Afonso III ou D. Denis ácerca dhum solaçoso rio”. Cfr. Sant’Anna Dionísio, *Guia de Portugal, I: Generalidades Lisboa e Arredores*, Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa, 1924, p. 456.

ElRey foram loguo delle por seu conhecimento muy bem recebidos, mas depois que lhe propuzeram ha Embaxada da Cõdessa com ha graveza, e estranhamentos, que ella mandou, e diceraõ ho mortal sentimento, e deshonra em que estava, e lhe pedia que por comprir sua bondade, e consciencia ha recebesse no Reino, e tratasse por sua molher como merecia.

Respondeo el.rey e dise que se maravilhava muito deles como foram ousados de chegarem a ele e lhe dar tal mesagem e que, se não foram homens a que tão grande bem queria e de que avia recebidos muitos serviços, que ele lhe mandara cortar as cabeças por galardão de tal embaixada.

ElRey avendose delles por escandalizado, por ouzarem de lhe trazer em tal tempo tal menssagem com ho rosto irado lhes dice, que de nom perderem has vidas com suas cabeças cortadas hos releevava naquella ora ho grande bem que lhes queria, e hos muitos serviços que lhe tinham feytos, e que porém nom fizessem ante elle mais detença,

Porem dise que se fosem à presa e que disessem à condesa que se partise loguo daly e que tornase pera sua terra e não fose ousada de sair em seu regno, se não que fose çerta, se o contrario fizesse, que ele teria com ela tal maneira com que lhe muito pesaria.

antes que loguo se tornassem à Condessa, e lhe dicessem que nom saisse em seu Reyno, mas que delle loguo sem nenhuma delonga se partisse, e se tornasse para sua terra donde viera, como se ho assi nom fizesse elle teria com ella tal maneyra de que lhe muito pezaria.

E, quando eles vyrom a reposta que lhe el.rey dava, foram muyto espantados e tornarom.se pera a condesa e contarom.lhe todo o que lhes com el.rey avyera, ela se maravilhou muito. E fizeram prestes suas naos e partirom.se e foram.se pera sua tera.

Com esta reposta chea de tanta aspereza, e fóra de toda ha humanidade, hos Cavalleyros se tornáram para ha Condessa, ha qual maravilhada, e atemorizada da sem rezam, e indinaçam delRey, e das mais cousas, que elles em seu cazo mais passaram, e lhe contáram;

E huns contom que mandou poer o filho em terra e que o levasem a seu padre, dizendo que nunca com ela iria cousa que sua fosse. E outros dizem que lho mandou ela depois que foy em sua tera, asy que o moço foy trazido a seu padre e sayo mui bom cavaleyro e era muito amado del.rey e dos cavaleyros e foy casado com hũa filha do iffante dom Pedro de Castela, que era hũa das formosas molheres d.Espanha.

(pp. 143-144)

mandou fazer prestes suas naos, e embarcou nellas, e se tornou para Bolonha, e aho tempo que ha Condessa veo ha Casquais se diz , que ella trazia hum filho seu, e delRey Dom Affonso, como já dice, cujo nome, vida, nem feytos nom achey declaradamente escritos,

porque huns dizem, que quando ha Condessa se partio de Casquais, que ho leyxou em terra, para que ho levassem ha seu pay, dizendo que nom quizesse Deos, que com ella tornasse cousa delRey, e por outra certa lembrança achey, que ella tornou ha levar seu filho comsigo, e que depois ho mandou a Portugal, onde ElRey ho mandou bem criar, e que sayo muito bom Cavalleyro, e muy amado delRey, e dos Nobres do Reyno, e que foy cazado com huma filha do Ifante Dom Pedro de Castella, que era a mais fermosa molher Despanha; mas qual era este Ifante Dom Pedro, e sua filha, e hos nomes delles, e em que tempo cazaram, e que terra tiveram, e ho que se delles fez depois eu ho non soube.

(ff. 4-5)

A narrativa acabará por ser conservada e examinada pelos eruditos posteriores (Duarte Nunes de Leão, Frei António Brandão, António Caetano de Sousa), que tentam argumentar todas as eventualidades.²⁰

²⁰ Ao discutir o problema da descendência de Matilde, a viagem a Portugal e a “historia [que] andava entre as velhas”, D. Nunes de Leão introduz um elemento interessante através de uma explicação toponímica associada ao episódio: “tornando-se para França, stando ja para dar aa vella, lhe deixou dous filhos, dizēdo que dixerem a elRei, que tomasse la seus ca-

Além das influências afonsinas no desenvolvimento cultural da corte portuguesa, as histórias da literatura portuguesa, não atribuem especial relevo a esta condessa, nem a esta “narrativa breve”, censurada provavelmente na historiografia próxima do conde D. Pedro, neto de Afonso III.²¹

Nos estudos mais recentes sobre a matéria de Bretanha, Afonso III tem sido referido com regularidade. J. Mattoso fá-lo a propósito da difusão dos temas cavaleirescos.²² E I. Castro, na sua edição do *Livro de José de Arimateia*, no capítulo dedicado a Afonso III, embora lamente a ausência do retrato intelectual do monarca, aponta o casamento com Mathilde de Boulogne e a sua ligação com o importante feudo do Norte da França. Além dos dados históricos relativos à estadia de Afonso em França, anota: “os gostos poéticos que a presença destes menestréis pode sugerir (e a sua presença na futura corte portuguesa vai confirmar) não se explicarão decerto pelas emoções matrimoniais, porque não foi de amor, mas de Estado, o seu casamento com uma mulher bastante

chopos, & que por isso se chamou Cachopos aq'lle lugar do mar, onde os deixou” (f. 92^v). O *cachopo*, interpretado como filho e não como “escolho à flor da água”, não poderá deixar de evocar um outro esclarecimento toponímico relativo a “Foz de Âncora” na conhecida narrativa *Lenda de Gaia*. No *romance-carta* de Manuel de Sousa Moreira, referido no final deste trabalho, encontramos os vv. que parecem testemunhar este facto: “Não são teus, estes cachopos / sobe quem do mar a força”. Cfr. D. N. Leão, *Primeira Parte das Chronicas dos Reis*, Pedro Crasbeck, Lisboa, 1600 e J. M. da Costa e Silva, *Ensaio biographico-crítico sobre os melhores poetas portugueses*, Imprensa Silvana, Lisboa, 1855, p. 189. Fr. António Brandão discute a *Cronica antiga* e as opiniões de Duarte Nunes de Leão (Fr. A. Brandão, *Monarquia lusitana. Quarta Parte*, Pedro Crasbeck, Lisboa, 1632; ed. facs. com introdução de A. da Silva Rego, notas de A. Dias Farinha e E. dos Santos, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1974, pp. 205-209), referindo a existência de uma *carta* ao Rei enviada por Matilde. A. Caetano de Sousa, além de transcrever os relatos anteriores, inclui o *Testamento de Matilde* que também já publicara D. Nunes de Leão (*Primeira Parte*, ff. 83^v-85^v; Sousa, *Provas*, I, pp. 103-109). A *Cópia do Testamento da Condessa Mathilde de Bolonha*, *Prova núm. 29*, encontra-se transcrita no tomo I, Livros I e II, pp. 73-76.

²¹ Não existem eventuais referências a este episódio sobre a vinda e repúdio da condessa tanto em Saraiva-Lopes (*História da literatura portuguesa*, Porto Editora, Porto, 2000¹⁷), como em A. J. da Costa Pimpão (*Idade Média*, Atlântida (História da Literatura Portuguesa), Coimbra, 1959², pp. 37-38), A. F. G. Bell (*A Literatura Portuguesa*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1971, p. 49), ou mesmo em Lapa (*Lições*, pp. 189-191, 247, 256).

²² J. Mattoso, “Cavaleiros andantes. A ficção e a realidade”, *A Nobreza Medieval Portuguesa*, Ed. Estampa, Lisboa, 1981, pp. 353-369.

mais velha, viúva e de temperamento difícil, casamento destinado a terminar por razões também de Estado e com absoluto desamor do lado de Afonso, que abandona a condessa de Boulogne, embora conserve o título que dela lhe viera, e casa com Beatriz de Gusmán, filha de Afonso o Sábio, havendo suspeita de não estar propriamente desquitado”.²³ Conclui com a possibilidade, hoje consensualmente aceite, de que a presença bretã no ocidente peninsular se deve à estadia de Afonso III em França e ao seu regresso a Portugal.²⁴

Se a *Crónica de 1419* influencia naturalmente a redacção de Ruy de Pina (1440?-1522), não é sem alguma surpresa que, na *Historiae de rebus Hispaniae*, se pode examinar um relato não muito afastado daquele que é descrito pelo cronista mor do reino.

Juan de Mariana (1536-1624)²⁵ o jesuíta espanhol que, após o assassinato de Henri III, publicou o *De Rege et regis institutione*

²³ I. Castro cita o espiritualoso passo de N. Brunet que retrata Matilde: “Mahaut II. Elle épousa en 1216 Philippe de France, comte de Clermont, fils du Roi Philippe Auguste, avec qui elle se brouilloit souvent en jouant aux échecs. Le Comte étant mort en 1232, elle se maria à Alphonce, Infant de Portugal, alors exilé de sa Patrie: mais qui étant devenu Roi de Portugal, abandonna Mahaut, se maria de son vivant à Béatrix, fille naturelle de D. Alphonce I, Roi de Castille. Mahaut abdiqua en 1245, en faveur de Jeanne sa fille, qu’elle avoit eue du Prince Philippe, qui étoit mariée à gaucher de Châtillon. Mahaut mourut en 1260” (P. Nicolas Brunet, *Abrégé chronologique des grands fiefs de la couronne de France, avec la chronologie des princes et seigneurs qui les ont possédés, jusqu’à leurs réunions a la couronne*, Desaint et Saillant, Paris, 1759, pp. 28-32).

²⁴ Além de Castro (*Livro do José de Arimateia (estudo e edição do Cod. ANTT 643)*, Faculdade de Letras, Lisboa, 1984, pp. 68-78), ver ainda Mattoso “Cavaleiros andantes”, pp. 353-369; H. L. Sharrer, “La materia de Bretaña en la poesía gallego-portuguesa”, en *Actas del I Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (Santiago de Compostela, 2-6 de diciembre de 1985)*, ed. de V. Beltrán, PPU, Barcelona, 1989, pp. 561-569; C. Alvar, “Poesía gallego-portuguesa y Materia de Bretaña: algunas hipótesis”, en *O Cantar dos Trobadores: Actas do Congreso celebrado en Santiago de Compostela entre os días 26 e 29 de abril de 1993*, ed. de Mercedes Brea, Xunta de Galicia, Santiago de Compostela, 1993, pp. 31-51; S. Gutiérrez García, “A corte poética de Afonso III o Bolonhês e a matéria de Bretaña”, en *Actas do Simpósio Internacional sobre a lírica medieval galego-portuguesa: Ondas do Mar de Vigo*, coord. por D. W. Flitter y P. Odber de Bubeta, Birmingham, 1998, pp. 108-123.

²⁵ Há também uma edição igualmente em Toledo em 1595. Com o título *Historia General de España* editado em Toledo em 1601 e aumentado na mesma cidade com data de 1608. Consultei as ed. de 1592 e de 1608 que se encontram na BN de Lisboa. Cfr. J. Simón Díaz, *Manual de Bibliografía de la literatura española*, Gredos, Madrid, 1980³. A propósito do jesuíta e da sua historiografia espanhola ver, entre os vários estudos, o de G. Cirot, *Études sur l’historiographie espagnole. Mariana historien*, Feret et Fils, Bordeaux, 1905, e, mais

(Toledo, Rodericum 1599) com a apologia do regicídio e a formação da dignidade real, divulga em 1592 a conhecida *Historiae de rebus Hispaniae libri XX*. Toledo: typis Petri Roderici. No *Liber Tertius decimus*, intitulado *Lusitania sacrificijs interdicta*, podemos também ler, o relato das vicissitudes entre Afonso de Portugal e Mathilde Boulogne, em que a *amplificatio* progride, desta vez, através de uma *carta*²⁶ da condessa endereçada ao rei de Portugal.²⁷

Mariana 1592 (latim)

Cap. XII

Matildis Bononiae Comes Sanctij Regis Lusitani obitu renunciato, mari in Lusitaniam accurrit, veteris coniugij iura repetitura: si quo modo tandem Alfonsus vir posset à praua mente deduci. ad Cascales oppidum, appulsa tantum non in Olisiponis conspectum se dedit. Inde ne facta quidem potestate Regem conueniendi, retro se referre compulsa est. has ad eum tamen litteras dedit. “Accessissem proprius, tuamq; improbitatem coram accusassem, qui suscepti laboris fructus esset multo maximus: sed quoniam id facere prohibeor, nostrumq; ingratis & crudelis conspectum ferre non potuisti.

Mariana 1608 (castelhano)

Cap. XII

Matilde, condessa de Boloña, sabida la muerte de don Sancho, rey de Portugal, acudio ppor mar a aquella prouincia, para pretender el derecho de su antiguo matrimonio, si por ventura don Alonso su marido, pudiesse vltimamente mudar su dañada intencion. Llego a Cascaes, muy cerca de Lisboa dende, sin que el rey le diesse lugar para delle hablar, fue forçada a dar la buelta. Escriuiole empero vna carta, de este tenor. “Llegara mas cerca, y reprehendiera en tu presencia tu felonía, que fuera bastante recompensa del afan que en el viage he tomado: pero pues no me das lugar para esto, y como ingrato y cruel no

recentemente, o de D. Ferraro, *Tradizione e ragione in Juan de Mariana*, Franco Angeli, Milano, 1988.

²⁶ A existência desta *carta* é também assinalada (mas não transcrita) por Fr. António Brandão (*Monarquia Lusitana*, Livro XV, cap. XVI) com o casamento da filha do rei de Castela. No cap. XXI *Da vinda da Condeça Mathildes a este Reyno, & da probabilidade que ha desta vinda, & do sucesso della*: “a afflictica senhora se fez à vela com os de sua companhia, deixando primeiro escrito *h? a carta* para elRey, segundo alguns autores, a summa da qual era, notalo de sua ingratidão, & deslealdade da ofensa que a Deos fazia, & mao exemplo que ao mundo dava cõ caso tão feo” (ed. cit., ff. 205-207; pp. 205-206).

²⁷ A *carta* encontra-se isolada entre aspas, no contexto dos *Lusitania sacrificijs interdicta*, o que, de um modo formal, procura dar *autenticidade* à transcrição de J. Mariana.

Conscientiae stimulis agitatus scilicet, atq; malis incurisibus furiatus: non committam, quin absens faciam. orbique vniverso, his litteris iusti doloris indicium, acceptae iniuriae testimonium, tuaeque perfidie, & impietatis perpetuum monumentum relinquam. Sunt ferè acerba morborum remedia quae salutaria. ipsa etiam magno haec cum gemitu scribo: sed egenum tamen, patria extorrem, sine lare, sine spe, hominem pene dixerim barbarum tecto, toro, imperioque recepi. O nimiam meam dicam, an meorum, an vtrunque facilitatem. nimirum nostra nos opinio, fidesque tua falsos habuit: vt plura quàm velles, maiora quam sperares dantes ludibrio haberemur. Memini cùm non anima, non nobis posse carere iurabas. en religio, en constantia. quid hoc? cum regno vaecordia iniecta est animo. in alium virum mutatus, nostri oblitus, beneficij immemor, amoribus nouis indulges eius, quae pellex vocetur necesse est, priori coniugio constanti, nouo vitioso. Genus, forma, aetas, opes displicuere? An potius vobis Regibus id sanctum, id honestum est, quod regnandi rationibus vtile? Verùm ego superstes sum, eroque dum Principum arma, nationum omnium odia in te concitauero. omnium telis quasi fera appetita corrues: certè diuinam vindictam tuo capiti imminere iamque affore praesagit animus. Qui nunc scelere ferox atq; praeclarus nostras lacry-

puviste sufrir nuestra preferencia, por estar herido de los aguijones de la consciencia, y posseydo del demonio, no dexare en ausencia de hazer esto, y dar testimonio con esta carta a todo el mundo, del justo dolor que tengo, y del agrauio que me hazes, que sera vna perpetua memoria de tu deslealtad y impiedad. Son ordinariamête asperos los remedios que para las enfermedades son saludables: yo tambien escriuo con gemidos, y contra mi voluntad estas cosas. Mas si va a dezir la verdad, yo te recebi quando eras pobre, sin tierra, sin bienes, sin esperança: estoy por dezir, vn hombre barbaro: y esto en mi casa, y por marido. O demasia mia (dize) o de los mios, o de los vnos y de los otros, y necia credulidad. Nuestra opinion y el credito que de tu lealtad teniamos nos engaño, para que en cambio de que te dimos mas de lo que pedias, y mayores cosas que esperauas, hizieses burla de nos. Acuerdome quanto jurabas, que no podias bivar sin mi, no mas q. sin tu anima. Esta es la religion, esta la constancia? Que es esto? Con el reyno sin duda, has perdido el juizo, y te has sementido, mudado en otro varon. Oluidado de mi, y sin memoria del beneficio recebido, estas occupado en nueuos amores de la que es forçoso se llame comleza, pues el primer matrimonio dura, y el nueuo es ninguno. Descontentaronte nuestro linage, la hermosura, la edad, las riquezas? o lo que es mas cierto, los reyes, teneys por santo y por honesto, lo que os viene

mas spernis: breui omnibus tormētis oppressus nostri doloris, impietatis tuae iustissimas poenas dabis. hac vna spe vt in malis sustentabor. qua aut sublata, aut expleta, vita libens cedam: atque ita cedam, vt perfidia tua iudicio nostro, non virus aut animus nobis desuisse videatur”. His litteras nihil obstinatus animusa mouetur. Cōtrā affirmat palàm, nouum se die postero coniugium initurum: si id ex vsu fore regnandi fuerit exploratum. Illa discedit irata Regi, eiusque capiti dira omnia comprecata. De iniurie vindicta cum Ludouico Gallie Rege praesens agit: cum Romano Pontifice Alexandro quarto per legatos. In Gallo parum praesidij erat, ob locorum longinquitatem. Romanus Pontifex Alfonso monet atq; obtestatur, vt redintegrata cum Matilde gratia, ad primum coniugium redeat: quanto in salutis discrimene versetur, docet: non esse numina importunis actionibus irritanda. Ad has voces Alfonsi aures obturatae erant, praefractus animus. Cupiditas & ambitio mali consultores oculis officiebant, ne lumen viderent ergo parere recusantem diris Pontifex deuouet: Lusitaniāq; quam longe regni fines pertinebant, sacrificijs interdicat. . .
(pp. 635-636)

mas a cuento para reynar? Yo toda via foy biua, y biuire hasta tanto que mueua contra ti las armas delos principes, y los odios de todas las naciones como bestia fiera pereceras agarrochado de todos. El coraçom da que la diuina vègança esta sobre tu cabeça, y que muy presto llegara. El que al presente, feroz con la maldad, y muy contèto desprecias nuestras lagrimas, en breue affligido con todos los tromentos, pagaras justissimamente la pena de nuestro dolor, y de tu impiedad. Con esta sola esperança, en estos trabajos me sustentare, la qual cumplida, o perdida, de buena gana dexare la vida: mas de tal manera la dexare, que claramente se entienda faltò tu deslealtad a lo que era razon, y lo que pensauamos, mas ayna que a nos la virtud y esfuerço necessario” No se mouio el animo obstinado del rey don Alonso, por esta carta: antes publicamente se gloriaua que el dia siguiète se tornaria a casar, y celebraria nueuo matrimonio, si entendiesse era a proposito para conseruar su reyno. Matilde dio la buelta, mal enojada contra el rey: echaua sobre su cabeça grãdes maldiciones. En Francia se fue a ver con el santo rey Luys, para tratar de vengasr aquele agrauio. El pontifice Romano Alexandro quarto, embio sobre el caso sus embaxadores. . .
(pp. 649-650)

Se a narrativa das crónicas contem elementos muito curiosos na construção da estrutura do episódio: o *elementum ad locum*, o *contar*, o *perguntar*, o *ouvir dizer*, é sobretudo de realçar a inserção

do discurso directo que, em Mariana, além da subsistência do *elementum ad locum* (*Cascales oppidum*) se transforma na configuração epistolar. A missiva, naturalmente, em primeira pessoa, um *eu* (esposa abandonada, esposa substituída) que bem traduz a breve narrativa dos textos portugueses. Se Juan de Mariana na sua *História de Espanha* descreve com tanta minúcia este episódio da história portuguesa, ao ponto de restaurar (ou de recriar) uma carta enviada por Mathilde a Afonso III, quer dizer que, no final do séc. XVI, este incidente, abafado pelas grandes crónicas, suscitava ponderação. Porquê?

Será só por ser necessário demonstrar, pela parte de um historiador espanhol, o pérfido procedimento do rei português, menosprezando assim a antiga monarquia portuguesa? Não nos esqueçamos que, no momento em que o Padre Juan Mariana escreve, Filipe II de Espanha (I de Portugal, rei entre 1581-1598) ocupava o trono português (Matilde, anacronicamente, *acudio por mar a aquella prouincia!*). Mas, além deste motivo que é relativamente incontestável, é forçoso ponderar em que tipo de documentos se apoiou o jesuíta espanhol para a redacção do seu texto, quando sabemos que as Crónicas portuguesas têm divulgação demorada (algumas permanecem manuscritas até ao séc. XVIII).

Em âmbito castelhano, não parece ser a primeira biografia conhecida de Afonso III, redigida por Gil de Zamora,²⁸ a matriz primordial. O historiador leonês não limita, de acordo com Lomax, “a sua informação sobre Afonso III de nenhuma fonte literária, mas sim da sua própria experiência”. Infelizmente, o relato de Juan Gil de Zamora não inclui a narrativa que vamos encontrar nas crónicas portuguesas posteriores ou no texto do Padre Mariana. Confina-se escassamente ao parentesco de Afonso, às viagens, ao primeiro matrimónio e aos principais

²⁸ Biblioteca Nacional de Madrid, ms. 2763, ff. 73^v-74^r. Cfr. D. W. Lomax, “A mais antiga biografia de El-Rei D. Afonso III de Portugal”, *Ocidente*, 71 (1966), pp. 71-75. Agradeço a Teresa Amado a amabilidade de me ter indicado este artigo e esta relativamente desconhecida biografia de Afonso III.

talentos de um rei medieval, seguindo a versão oficial na subida ao trono português (a mediocridade de Sancho II):

Duxit etiam prefatus Aldephonsus in uxorem Matillam nomine de partibus Francie Bolonie comitissem et per ipsam habuit Boloniae comitatum. Fuit autem predictus infans et comes elegans corpore, speciosus facie, magnanimus corde et in actibus bellicis strenuus supra modum.²⁹

O cotejo entre a carta e os parágrafos da *Crónica de 1419* e da de Ruy de Pina é tão contíguo que não é arriscado conjecturar que Mariana se serviu de uma fonte próxima daquelas descrições que hoje conhecemos. Mas, mais do que analisar as fontes do padre jesuíta (tarefa que seria muito atraente no que diz respeito às informações sobre factos medievais portugueses), é este procedimento (os pormenores e a apresentação do relato) que merece reflexão. O ambiente literário de Mathilde, e não devia ser desconhecido não é, talvez, alheio a este interesse.

O problema da esposa substituída não era indiferente aos *exempla*, que circulavam no séc. XV e que ilustravam as virtudes “des dames nobles”.³⁰ Mathilde tinha-se encontrado indirectamente envolvida na produção literária da época, através de seu pai (Renaud de Dammartin), de seu primeiro marido (Philippe Hurepel) e de seu segundo marido (Afonso de Portugal). V. Beltrán no verbete dedicado a Afonso III e no seu estudo sobre o *rondeau*, sintetizava este quadro literário, que rodeava Afonso, para justificar a importação de novas técnicas literárias.³¹

²⁹ Lomax, *op. cit.*, pp. 72-73.

³⁰ *Exempla* no ms. 468 da Biblioteca de Tours, copiados no séc. XV. Cfr. Gerbert de Montreuil, *Le Roman de la Violette, XIII^e siècle*, trad. de M. Demoules et al., Stock-Moyen Age, Paris, 1992, pp. 207-208.

³¹ V. Beltrán, “Afonso III de Portugal”, en *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, coord. de G. Lanciani e G. Tavani, Caminho, Lisboa, 1993, pp. 14-15; V. Beltrán, com base nos dados históricos de S. Corbin (“Notes sur le séjour et le mariage d’Alphonse III de Portugal à la cour de France”, *Bulletin des études portugaises*, 10 (1945), pp. 159-166), analisa a proveniência e as relações entre “Rondel y refram intercalar e la lírica gallego-portuguesa”, *Studi Mediolatini e Volgari*, 30 (1984), pp. 69-90. Concluía, neste ensaio, que provavelmente foi Roi Gomez de Briteiros quem adaptou o *rondeau* (*rondel*) de França onde era conhecido desde o *Roman de Guillaume de Dole* (c. 1220) de Jean Renart reproduzido pelo *Roman de la Violette*.

Recordemos que, na realidade, já Renaud Dammartin, forte opositor ao rei de França, comparece no *Roman de la Rose ou de Guillaume de Dole. Le Plait Renart de Dammartin contre Vairon son roncin* et *De Renart et de Piaudoue* denunciavam uma peculiar preparação literária do poeta. Escrito provavelmente depois de 22 de Março de 1227,³² mas anterior ao *Roman de la Violette* de Gerbert de Montreuil (confeccionado provavelmente entre 1227 e 1229)³³ que o elaborou com base em diferentes textos, ao copiar e ao transcrever textos líricos de outros poetas no seu *roman*.³⁴

Renaus li quens de Boloigne, Renaut de Dammartin, pelo seu casamento com Ide de Boulogne em 1191, não é mais do que o célebre barão rebelde, adversário de Philippe August, vencido em Bouvines (1214) e prisioneiro até à sua morte (Páscoa 1227), pai de Mathilde.

Certes, fet il, g'en sui mout liez.
Font il: "Ne vous esmaiez,
Q'assez en I vient sanz aloigne;
Et li quens Renaus de Boloigne
Jut anuit a Monz en Hainaut"

(vv. 2107-2111)

[Vraiment, dit Guillaume, j'en suis très heureux. Ne vous tourmentez pas, ajoutent-ils, on y vient en foule sans perdre une minute. Le comte Renaud de Boulogne a couché cette nuit à Mons-en-Hainaut...]

Ja, par saint Nicholas dou Bar
Qui ce ne vit mes ne verra.
Li quens de Boloigne, qui ra
Chevaliers de trop granz atours

³² Jean Renart, *Guillaume de Dole ou Le Roman de la Rose*, ed. de F. Lecoy, Honoré Champion, Paris, 1970, p. vii.

³³ *Le Roman de la Violette ou de Gerart de Nevers par Gerbert de Montreuil*, ed. de D. Labaree Buffum, Librairie Ancienne Champion, Paris, 1928, pp. lv-lxxiii.

³⁴ Textos líricos presentes no *Roman de la Rose ou de Guillaume de Dole* (Lecoy, *op. cit.*, pp. xxiii-xxix): Gace Brulé, Châtelain de Couci, Renaut de Sabloeil, Vidame de Chartes, Gontier de Soignies, Jaufré Rudel, Daude de Pradas, Bernard de Ventadorn, etc. No *Roman de la Violette* encontram-se 40 canções (Buffum, *op. cit.*, pp. lxxii-xci): Gace Brulé, Guillaume le Vinier, Bernard de Ventadour, Moniot d'Arras, Audrefoi le Bâtard, etc.

O. VII. Vins en vint en l'estor
 Qui tuit crient: "As frains! As frains!"
 (vv. 2782-2787)

[Je l'affirme par Saint Nicolas de Bari. On ne verra jamais rien de semblable, le comte de Boulogne, entouré lui aussi de chevaliers magnifiquement équipés, se lança dans le tournoi avec cent-quarante hommes qui criaient d'une seule voix: En avant! En avant!].³⁵

O *Roman de la Rose* de Jean Renart concede um papel lisonjeador a este conde de Boulogne, Renaut de Dammartin, apesar da conspiração contra Philippe-Auguste ao lado de João Sem Terra e do imperador Othon IV. O *roman*, escrito em "terre d'Empire", ambiente que era naturalmente favorável aos Plantagenetas e, por consequência, hostil à coroa de França.

Por outro lado, no *Roman de la Violette* de Gerbert de Montreuil,³⁶ todas as cenas se desenrolam, agora, na corte de Louis VIII (morre em 1226) e este *roman* seria uma maneira de oferecer réplica ao *Roman de la Rose*, ao mesmo tempo admirativa e polémica, mas em todo o caso uma obra de reconhecimento e fidelidade ao rei Louis VIII ("une gageure à la cour de France", dir-se-ia).

É sintomático observar que, presentemente, é outro conde de Boulogne, Philippe Hurepel que participa. Gerbert de Montreuil elogia o conde de Boulogne no conjunto de cavaleiros que ajudam Gerart de Lisiart, o herói, no torneio de Montargis.³⁷ O primeiro marido de Mathilde exprime-se neste desafio:

Toute malvaistés li eslonge,
 Quens fu et sires de Boulogngne.
 Et s'i fu li quens de Pontiu,
 Qui molt ot le cuer volentiu

³⁵ Jean Renart, *Guillaume de Dole ou Le Roman de la Rose*, p. 46. As traduções dão retiradas de J. Dufournet et al., *Guillaume de Dole ou Le Roman de la Rose*, roman courtois du XIIIe siècle, traduit en français, Champion, Paris, 1979.

³⁶ Vale a pena recordar que Mosteruel, Montreuil-sur-Mer, se encontra na Picardia (Pas-de-Calais), próximo portanto de Boulogne-sur-Mer.

³⁷ "Gerbert favorise surtout le comte de Boulogne qu'il représente comme un chevalier loyal et de haute naissance" (Buffum, ed. cit., pp. lx-lxi).

De faire largeche et hounour;
Molt ot en lui bon donneour.
(vv. 5920-5925)

Che ne sera mie conquete
Au roi, tres bien le vous creant,
Se l'uns fait l'autre recreant;
Mais qui poroit biele pais faire
Et ceste bataille desfaire,
Che seroit la plus biele fins.
Ensi va disant li daufins.
Par foi, dist li quens de Bouloigne,
Tel parole n'est fors aloigne,
Que il n'i a nule raison.
Cist l'apiele de trahison,
Et chascuns a oï l'apiel.

(vv. 6312-6323)

[Ce ne serait pas une victoire pour le roi, je peux vous l'assurer, si l'un des deux force l'autre à s'avouer vaincu. Mais si l'on pouvait conclure une paix honorable, ce serait la plus belle fin. Voici ce que répétait le dauphin.

Ma foi, répliqua le comte d Boulogne, cette proposition n'est qu'un faux-fuyant, car il n'y a aucune raison d'empêcher ce combat. Ce chevalier accuse Lisiart de trahison, et chacun a entendu l'accusation].

Neste mesmo *roman*, podemos ler uma canção de Moniot d'Arras:

Amors mi font renvoisier et canter
Et me semont que plus jolie soie,
Et me donne talent de miels amer
C'onkes ne fis pour cest fol ki m'en prie;
Que j'ai ami, a nul fuer ne volroie
De son gent cors partir ne deservrer;
Ains l'amerai, que j'en sui bien amee.
Laiissié me ester, ne m'en proiés ja mais;
Sachiés de voir, c'est parole gastee.³⁸

(vv. 441-449)

³⁸ Buffum, ed. cit., pp. 20-21. Primeira estrofe de uma canção de *mal mariée* atribuída a Moniot d'Arras. Gerbert de Montreuil mudou o refrão para adaptar a canção ao seu contexto.

[Amour me fait me réjouir et chanter / Me somme d'être plus jolie, / Et me donne le désir d'être plus aimante / Que jamais, á cause de ce sot qui me courtise; / Car j'ai un ami, et à aucun prix je ne voudrais / Me séparer de cet être si beau / Au contraire je l'aimerais, car il m'aime avec ferveur./ Laissez-moi en paix, et ne me priez plus jamais d'amour; / Sachez-le bien, ce sont de vaines paroles].³⁹

Se cito Moniot d'Arras é com a intenção de recordar este *trouvère* que menciona Afonso, o novo conde de Bologne, o segundo marido de Mathilde, nos seus poemas. P. Dyggve, ao editar os poemas de Moniot d'Arras, considera que o "Boulenois" na composição (datável de 1239) deve referir-se a Afonso de Portugal, o sobrinho de Branca de Castela.⁴⁰

A canção R.1764, *Plus aim ke je ne soloie* [núm. X da ed. Petersen Dyggve] é endereçada a um *Boulenois*:⁴¹

- I Plus aim ke je ne soloie,
Mais ja n'ere amés,
Car mes cuers ki me maistroie
S'est si haut donés
Ke n'en porroie avoir joie,
Quant tant m'i serai penés:
Hautece et Beautés
Et Richors veulent que soie
Del tout refusés.
- II Et jou ki guerpir devoie
Che dont sui grevés,
D'un desir ki me maistroie
Sui si alumés
Que pour meschief ke g'i voie
N'em puis estre retornez:
Ce fait Volentés
Par qui maintes fois foloie
Tex ki set assés

³⁹ Demoules *et al.*, trad. cit.

⁴⁰ H. Petersen Dyggve, *Moniot d'Arras et Moniot de Paris, trouvères du XIII^e siècle*, Société Néo-Philologique de Helsinki (Mémoires, 12), Helsinki, 1938, pp. 30-65.

⁴¹ R 1764 corresponde a G. Raynaud, *Bibliographie des chansonniers français des XIII^e et XIV^e siècles*, B. Franklin, New York, 1972.

- III D'un douç consir plain d'envie
Me couvient languir,
S'est trop crueus la folie
Dont la mort desir,
Car vivre amans sans aïe
Vaut assés pis ke morir,
N'em porrai garir
Ne ja par moi n'ert jehie
L'amor dont sospir.
- IV Ne quiç pas ke por ma vie
De mort gaandir
D'un don de sa drüerie
Me daignast saisir.
Se je m'en duel, n'en doi mie
Fors moi et Amors hair,
Qui m'ont fait coisir
Tele dont ja n'ert merie
La peine a soffrir.
- V Toute riens qui Bontés bleche
De soi a parti
Mais ens li ne truis largesce
Qui tort a merchi,
Pour coi li choil ma destrece,
S'en fail au douç non d'ami,
Joie en ai guerpi,
S'est drois que tote leeche
Por dolor oubli.
- VI Chançons, va t'ent sans perece,
Au Boulenois di,
S'a bien faire ensi s'adrece
Com a Hesdin vi,
Ne faurra pas a prouece,
S'en ierent maint esjoi
Et cil esbahi
Qui baron de tel hautece
Clamoient failli.

P. Dyggve conclui que este *envoi* não pode, por motivos cronológicos, endereçar-se aos dois outros Condes, nem ao pai de Mathilde de Boulogne, Renaud de Dammartin (que com-

parece no *Roman de la Rose*), nem sequer ao outro Conde, com este mesmo título, primeiro marido de Mathilde, Philippe Hurepel (Filipe o Crespo), casado em 1216 (algumas crónicas referem 1210), mas com o título do Condado só em 1224 que, por sua vez está incluído no *Roman de la Violette*.

Mas, na composição de Moniot d'Arras, é curioso ver como é apresentado este conde de Boulogne. P. Dyggve considera que “le Boulenois veut dire ‘celui de Boulogne’, le ‘comte de Boulogne’” e que este conde é designado de *failli*. “Le mot *failli* est employé spécialement pour désigner ceux qui n’ont pas voulu prendre la croix et se rendre en Terre Sainte. Voir p. ex. la chanson R. 1030 où Canon de Béthune est apostrophé en ces termes: *Or vous conte on avoec les recreanz, Si remaindroiz avoec vo roi failli*”.⁴² Ainda hoje, um *failli* é um *méchant*, de *peu de valeur*, um cobarde.⁴³

No cancionero de Moniot, Afonso é ainda nomeado em uma outra composição, no sirventês *Molt lieement dirai mon sirventois*, RS 1835.⁴⁴ No início da quarta estrofe, o poeta diz explicitamente que Afonso teria participado juntamente com o próprio rei de França, S. Luís, na batalha de Taillebourg, a 21 de Julho de 1242 (vitória de S. Luís contra os ingleses comandados por Henrique III): “La bataigle le conte Boloignois / Vint premerains a cel assemblement” (vv. 25-26).

É esta falta de ética do rei português que é, de certo modo, documentada pelas *Crónica de 1419*, por Ruy de Pina e por Juan de Mariana. Dizia Afonso: “se em outro dia achase outra molher que lhe desem tanta terra no regno pera acreçentar que logo casaria com ela”.⁴⁵ Esta percepção de *failli* do texto francês do séc. XIII, ocultada pela historiografia oficial portuguesa, próxima do

⁴² Coupl. II, vv. 13-14; J. Bédier et F. Aubry, *Les Chansons de croisade avec leurs mélodies*, Champion, Paris (reimp. Genève, Slatkine, 1974), 1909, p. 62.

⁴³ Em artigo, a publicar em colaboração com L. Rossi (*Portuguese Studies*-Santa Barbara), sobre a cantiga VII das CSM de Afonso X, é desenvolvida esta reflexão sobre Afonso III.

⁴⁴ Dyggve, *op. cit.*, pp. 141-145.

⁴⁵ Mattoso, *Historia de Portugal*, p. 137. Cfr. os parágrafos finais anteriormente transcritos da *Crónica de 1419* e da *Crónica de D. Afonso III* de Ruy de Pina.

conde D. Pedro, talvez esconda também a “narrativa breve” que só surgirá com desenvolvimento literário (real? fictício?)⁴⁶ no séc. XV.

A crónica francesa do séc. XVII conserva porém este filão. Louis Le Nain de Tillemont (1637-1698)⁴⁷ apresenta alguns capítulos da sua história à permanência e às relações de Afonso com a corte francesa:

Mathilde, comtesse de Boulogne est séparée du
roy de Portugal, son mari⁴⁸

Capítulo CCL

Cet agrandissement d'Alphonse fut funeste à Mathilde; car Alphonse, qui avoit d'ailleurs de belles qualitez, oublia ce qu'il luy devoit, et comme à sa femme et comme à sa bienfaitrice: car on prétende qu'il n'avoit rien lorsqu'elle l'épousa. On remarque que sa faute vient de ce que, n'ayant point d'enfant de Mathilde et n'espérant pas d'en avoir, à cause qu'elle estoit trop âgée, il crut pouvoir préférer des intérêts d'Etat à ceux de sa conscience. Ainsi, sans se mettre en peine de Mathilde, il épousa publiquement Béatrix, fille naturelle d'Alphonse X, roy de Castille, dont il eut Denys, qui luy succéda, et plusieurs autres enfants; elle estoit sa cousine au quatrième degré.

Mathilde sur cette nouvelle, s'en alla en Portugal, d'où on l'obligea de se retirer, sans entrer dans Lisbonne et sans pouvoir voir son mari. Elle luy escrivit seulement une lettre, rapportée par Mariana⁴⁹ qui l'a assurément composée, au moins pour les termes; pour les pensées, elles sont d'une Didon ou d'une Médée, et non pas d'une chrestienne. Il ajoute qu'Alphonse au lieu d'en estre touché, répondit qu'il estoit prest d'épouser dès le lendemain une troisième

⁴⁶ Independentemente da veracidade, é a transmissão do episódio que é relevante.

⁴⁷ Nascido em Paris, historiador e erudito francês ligado aos jansenistas, Le Nain de Tillemont, é autor de uma *Vie de Saint Louis, roi de France* (ed. de J. de Gaulle, Chez Jules Renouard, Paris, 1848, pp. 77-81). Jean Joinville não reproduz este episódio (*Histoire de saint Louis, par Jehan, sire de Joinville; les annales de son règne, par Guillaume de Nangis; sa vie et ses miracles, par le confesseur de la reine Marguerite. Le tout publié d'après les manuscrits de la Bibliothèque du roi, et accompagné d'un glossaire [par Melot, l'abbé Sallier et Capperonnier]*, Impr. Royale, Paris, 1761; ed. de J. Monfrin, *Le grand livre du mois*, Paris, 1998).

⁴⁸ Como se pode verificar, a estrutura é semelhante aos relatos já citados.

⁴⁹ O historiador francês refere-se à carta incluída na obra do P^e Juan de Mariana (*Historiae de rebus Hispaniae libri XX*, Tip. Petri Roderici, Toledo, 1592, *Liber Tertius decimus* (cap. XII), pp. 635-636; *Historia general de España*, Rodríguez, Toledo, 1601, 2 vols; ed. aumentadas em 1608, 1617, 1650, etc.).

femme, si cela luy estoit utile pour régner. Mathilde quitta donc le Portugal et implora le secours de saint Louis, qu'elle vint trouver pour cela, et du pape Alexandre IV, à qui elle en escrivit. Saint Louis estoit trop éloigné pour l'assister par les armes. On peut présumer qu'il fit ce qu'il put pour elle par lettres auprès du roy de Portugal et peut-estre aussi auprès du pape.

On prétend qu'Alexandre employa les prières et les menaces auprès d'Alphonse pour lui faire reprendre sa femme, et qu'enfin il l'excommunia et mit tout le Portugal en interdit, ce qui dura douze ans [...].

Il paroist que l'affaire fut enfin jugée le 26 juillet 1256, et que le pape, de l'avis des cardinaux, prononça la séparation de corps entre Alphonse et Mathilde, et qu'il ordonna qu'Alphonse rendroit le bien qui appartenoit à Mathilde [...].

Mathilde étant morte au commencement de 1259 les évêques de Portugal, présidez para celui de Braga, écrivirent, au mois e mai 1262, une lettre très humble au pape Urbain IV et aux cardinaux, pour les conjurer de lever l'interdit qu' Alexandre avoit mis.⁵⁰

É curioso que este episódio não tenha deixado mais vestígios na produção literária portuguesa. É verdade que, logo depois, Inês de Castro apagará a tragédia precedente.⁵¹ A. Ferreira na *Castro* (Cena II do Acto I) na intervenção do *Ifante*,⁵² não deixa pedagogicamente de invocar o exemplo de Afonso:

Quantas vezes mal é, o que bem parece!
Quantas vezes o mal causa bens grandes!
Quanto tempo sofreste o grande Afonso
no nome de Bolonha celebrado,
que novas torres ajuntou às quinas,
dura força fazendo matrimónio,
contra as divinas leis, contra as humanas!
Quem então não chorava a crueldade

⁵⁰ Le Nain de Tillemont, *op cit.*, IV, pp. 77-79; Herculano, *História de Portugal*, III, p. 39.

⁵¹ A tragédia de Inês de Castro, documentada na *Crónica de D. Pedro* por Fernão Lopes, estará presente em toda a literatura portuguesa (Garcia de Resende, Camões, A. Ferreira, F. Manuel de Melo, A. Patrício, E. de Castro, E. de Queirós, F. Pessoa, Herberto Helder, etc.), além de outras manifestações literárias que o episódio conhecerá fora das fronteiras portuguesas. Cfr. M. L. Machado de Sousa, *Inês de Castro: um tema português na Europa*, Edições 70, Lisboa, 1987.

⁵² A. Roig, *La tragédie "Castro" d'António Ferreira*. Établissement du texte des Éditions de 1587 et 1598, suivi de la traduction française, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1971.

*contra o primeiro amor? E quem calava
a dura pertinácia do segundo?*

Mas tu querias dar ao mundo o grande,
forte, prudente, e santo, um só Dinis,
paz e concórdia entre altos reis, que reinos
deu e tirou, em armas claro e em letras.

(vv. 214-227)

Mathilde não oferece a mesma presença em termos de recepção como a celebrada Castro. No entanto, na BN de Lisboa, no códice 13304 deparamos com uma pouco conhecida presença literária de Mathilde de autoria de Manuel de Sousa Moreira (1648-1722). Várias são as obras poéticas de Manuel de Sousa Moreira que se encontram na BN. Entre os vários textos, figura um longuíssimo poema intitulado *Carta de Mathilde Condeça de Bolonha para Affonso Terceiro Rey de Portugal* que ocupa os ff. 79^r-86^v. do referido códice. Este *romance-carta* encontra-se também reproduzido no códice 12961, *Obras Poeticas de Manoel de Sousa Moreira...*, escrito em Lisboa por António Correia Viana, 1780 (2 tomos). Esta *carta* de Mathilde vem no seguimento de uma outra *Carta de D. Inez de Castro para o Principe estando já setenciada à morte* (fatalidades paralelas!).⁵³

Alguns dos poemas de Manuel de Sousa Moreira⁵⁴ foram já publicados no *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes*.⁵⁵ Este erudito encontra-se também inserido no *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocência Francisco da Silva:

Presbytero secular, Formado em Canones na Universidade de Salamanca, e incorporado na de Coimbra; Abbade em varias egrejas, e ultimamente na de S. Bade, termo d'Alfandega da Fé em Traz-os-montes: Academico da Academia Real de Historia, etc.- N. Na villa do Mogadouro, e m. a 13 de Dezembro de 1722 com 74 anos [...]. Theatro historico, genealogico y panegyrico, erigido a la im-

⁵³ A carta de Inês de Castro não se encontra transcrita com a mesma ordem nestes dois códices. No cod. 13304, Inês precede Matilde e no cod. 12961 é Matilde que se encontra antes de Inês.

⁵⁴ Agradeço sinceramente a Isabel Cepeda várias informações que me proporcionou acerca do P^o. Manuel de Sousa Moreira.

⁵⁵ Costa e Silva, *Ensaio biographico-critico*.

mortalidad de la excellentissima casa de Sousa, Paris, en la Imprenta Real 1694.⁵⁶

Nestas notícias, Manuel de Sousa Moreira é associado ao “gosto da eschola hespanhola”, é “celebrado como um dos melhores poetas da sua idade”, sem que “as suas numerosas obras lograssem jámais as honras da impressão”. “Os curiosos e amadores contentavam-se de possuí-las manuscriptas”.

Em síntese, “Manuel de Sousa Moreira fôra escriptor muito instruido para o seu tempo, poeta de rica imaginação, fecundo, elegante e pouco iscado dos vícios do culteranismo compaarativamente aos seus contemporâneos; e que as suas obras merecem a atenção dos amadores da poesia”.⁵⁷

A *carta*, certamente inspirada na leitura de Juan de Mariana, apresenta um conjunto de 88 estrofes.⁵⁸

Carta de Mathilde Condeça de Bolonha para Affonso Terceiro de Portugal⁵⁹

Lê, prosegue! que te assombra?
Que te embarga? que te assusta?
Que presa a voz na garganta
Mais se affoga, que articula.

A mesma sou, mas por isso
A côr no semblante mudas,
Que a ser outra, o que sam queixas
Seriam, traidor, ternuras.

Si temes, que proferido
Meu nome em tua voz, injuria

⁵⁶ Inocência F. da Silva, *Diccionario bibliographico portuguez: estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil*, VI, Imprensa Nacional, Lisboa, 1862, pp. 114-115; ed. facs. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1998.

⁵⁷ Costa e Silva, *Ensaio biographico-critico*, X, Livro XXIV (“Continuação da Eschola Hespanhola”), pp. 125-199.

⁵⁸ No Cod. 12961, há uma outra estrofe inicial: “Adonde indignado o Têjo / no Oceano se sepulta / A D. Affonso, o ingrato / Mathilde a infeliz sauda”.

⁵⁹ Cod. 13304, ff. 79^v-86^v. BN Lisboa. Transcrevo apenas algumas estrofes a título exemplificativo. No *Ensaio Biographico-Critico* é reproduzida ainda parte deste *romance-carta* com algumas variantes em relação à versão do códice 13304 (Costa e Silva, *Ensaio biographico-critico*, pp. 184-190).

Seja dessa, que em teus braços
Meu nome infeliz escuta.

Não temas, não, pois suspeito
Que em dous extremos fluctua,
Que é mui notoria a infamia
E é mui descarada a culpa.

Antes cuido que o receio
Que internamente a estimula,
Troque os sustos com que teme
Nas vanglorias, com que triumphá.

Mais do que chamar a atenção para a presença ou a ausência de Mathilde na crónica portuguesa com o conde D. Pedro e com a historiografia posterior, ou mesmo o acolhimento que a sua ruptura com Afonso III terá em Juan de Mariana ou, mais tarde, em Manuel de Sousa Moreira, parece-me importante que este aspecto da história de Afonso III seja considerado, não só na reconstituição do seu itinerário cultural (talvez não baste já falar de Bolonha e da importância literária do Condado para a matéria da Bretanha), mas do tipo de textos e do tipo de conteúdos que circulavam à volta de Afonso (*Roman de la Rose ou Guillaume de Dole*, le *Roman de la Violette*). Mas, também me parece igualmente relevante que a “narrativa breve” da *Crónica de 1419* e do texto de Ruy de Pina, possa ser isolada e observada como um fragmento que testemunha um episódio que, por motivos evidentes, não comparece nas primeiras recolhas historiográficas. Não sei mesmo se alguns dos nossos textos medievais (as sátiras contra Afonso III, ou mesmo algumas outras cantigas, por exemplo) não deverão talvez voltar a ser lidos também à luz deste trecho, ou destas obras da Picardie, Flandres e Artois.

79

Carta deo Naxhilde
 eadica de Brouha.
 Deo Affredo Tercio Rey
 de Portuga

Deo prosequi que de aembra
 que de aembra que de aembra
 que de aembra que de aembra
 que de aembra que de aembra
 que de aembra que de aembra

Amumad. me. mar. pro. iiii
 alor. na. embra. ead. ead.
 que de aembra que de aembra
 que de aembra que de aembra
 que de aembra que de aembra

Deo me. que de aembra
 me. me. me. me. me. me.
 me. me. me. me. me. me.
 me. me. me. me. me. me.

80

Deo me. que de aembra
 que de aembra que de aembra
 que de aembra que de aembra
 que de aembra que de aembra
 que de aembra que de aembra

Deo me. que de aembra
 me. me. me. me. me. me.
 me. me. me. me. me. me.
 me. me. me. me. me. me.

Deo me. que de aembra
 me. me. me. me. me. me.
 me. me. me. me. me. me.
 me. me. me. me. me. me.

Deo me. que de aembra
 me. me. me. me. me. me.
 me. me. me. me. me. me.
 me. me. me. me. me. me.

81

Deo me. que de aembra
 que de aembra que de aembra
 que de aembra que de aembra
 que de aembra que de aembra
 que de aembra que de aembra

Deo me. que de aembra
 me. me. me. me. me. me.
 me. me. me. me. me. me.
 me. me. me. me. me. me.

Deo me. que de aembra
 me. me. me. me. me. me.
 me. me. me. me. me. me.
 me. me. me. me. me. me.

Deo me. que de aembra
 me. me. me. me. me. me.
 me. me. me. me. me. me.
 me. me. me. me. me. me.

Atualmente, corresponde ao Cod. 13304 BN Lisboa, ff. 79-80.